



**HOSPITAL NACIONAL
REAL DE S. JOSÉ**

Quartos particulares

1845 A administração d'este hospital e annexos, tendo melhorado as condições hygienicas e de conforto dos quartos particulares, por força da auctorisação que lhe foi concedida no decreto de 22 de abril de 1891, mais annunciar que o preço diario de tratamento dos doentes em quarto particular nos hospitaes de S. José e Estephania é o seguinte:

1.ª classe.....	25400 réis
2.ª classe.....	15400 réis
3.ª classe.....	11200 réis

Os quartos particulares do hospital de S. José para enfermos do sexo masculino, e os do hospital Estephania para os do sexo feminino. Neste ultimo só ha quartos de 2.ª e 3.ª classe. Nos termos do artigo 99.º do regulamento das enfermarias a direcção do serviço clinico dos quartos particulares no hospital de S. José pertence por escala mensal aos seguintes directores de enfermaria, ou aos facultativos extraordinarios que os substituem, quando impedidos:

Secção medica

Dr. José Thomaz de Sousa Martins.
Dr. Duarte Augusto de Abranches Bizarra.
Dr. Manuel Nicolau de Bettencourt Pitta.
Dr. Procoro José de Gouveia.
Dr. Caetano Ferreira da Silva Beirão.
Dr. João Quintino de Avelar.
Dr. Alberto Moraes Carvalho, sobrinho.

Secção cirurgica

Dr. Antonio Germano Falcão de Carvalho.
Dr. Francisco Alberto d'Oliveira.
Dr. José Curry da Camara Cabral.
Dr. Gregorio Rodrigues Fernandes.
Dr. Francisco Augusto d'Oliveira Feijão.
Dr. João Cyrillano Ferreira.

No hospital Estephania o serviço clinico dos quartos particulares nas doencas de medicina, está a cargo dos seguintes directores de enfermaria ou de quem legalmente os substitua:

Dr. Joaquim Eleuterio Gaspar Gomes.
Dr. Francisco Figueira Freire.
Dr. Venancio Augusto Deslandes.
Dr. Adolpho Bernardo Frolich Lahmeyer.
E nas doencas de cirurgia, dos seguintes:
Dr. Antonio Maria Barbosa.
Dr. Joaquim José Rodrigues da Camara.

Nos preços acima indicados estão comprehendidas as juntas e conferencias pedidas pelo facultativo assistente, e todas as operações de primeira e segunda ordem.

Foi salvo por dois marinheiros do vapor. A bordo foram-lhe prestados alguns soccorros medicos e no Barreiro pelo dr. Costa, chefe da secção principal do serviço de saúde, recolhendo, depois, a Lisboa.

22

7:228 O SECULO

15 de fevereiro de 1902

Saude publica

Agora é que começam a lembrar-se do perigo que corre a cidade de Lisboa, por não ter um collector para os despejos.



“A Reforma Hospitalar de Curry Cabral”

António Matoso, Célia Pilão e Sandra Tacão

Colóquios do Património 5º encontro
Salão Nobre do Hospital de São José
20 de Outubro de 2011

José Curry da Câmara Cabral (1844-1920)



Formado na Escola Médica de Lisboa em 1864, doutorou-se em 1869.

Actividade hospitalar

Cirurgião do Banco do Hospital de S. José

Director de enfermaria

Enfermeiro - mór do Hospital Real de S. José e Annexos (1901-1910)

Autor do regulamento hospitalar de 1901

Actividade académica

Professor da secção cirúrgica da Escola Médica

Regente da cadeira de Anatomia Patológica e mais tarde da cadeira de Medicina Operatória

Outras

Presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa

Vice-presidente da Comissão de propaganda da ANT

Vogal do Conselho Superior de Higiene

Director da revista Medicina Contemporânea

Comendador de S. Tiago

Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro (1849-1907)



Em 1900, Hintze Ribeiro, ministro dos negócios do reino, convida Curry Cabral para Enfermeiro-Mór do Hospital Real de S. José e Annexos, na sequência do pedido de exoneração do Conselheiro Professor Silva Amado.

Cury Cabral hesita (situação financeira ruínosa) mas Hintze Ribeiro compromete-se a ajudar no que for possível.

Cabral, Curry (1915). O Hospital de S. José e Annexos desde 7 de Janeiro de 1901 a 5 d'Outubro de 1910, p: 17,18.

“Uma última preocupação me restava ainda.



Tinha como certo que a auctoridade de que precisava para disciplinar os serviços e o pessoal que é muito numeroso e de variados matizes, só poderia ser firmada mantendo-me em campo puramente administrativo, quer dizer, livre de ter de exercer qualquer acção de ordem política.

Foi este princípio aceite e cumprido”

Cabral, Curry (1915). O Hospital de S. José e Annexos desde 7 de Janeiro de 1901 a 5 d´Outubro de 1910, p: 19.

Enfermeiros – Mores

(1890-1911)



João Ferraz de Macedo (1890 -1900)



José Joaquim da Silva Amado (1900 -1901)



José Curry da Câmara Cabral (1901-1910)



Augusto de Vasconcelos (1910 -1911)

Hospitais velhos: remodelar ou abandonar?

1870-1880- discussão célebre (Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa) sobre a necessidade urgente de se proceder à transformação dos hospitais e à construção de novos edifícios de harmonia com as condições de higiene.

Nessa longa discussão se empenharam **Barbosa, Cunha Viana, Bento de Souza, Sousa Martins, Simas.**

Ferraz de Macedo foi o campeão apaixonado do sistema dos hospitais - barracas.

Foi nomeada uma comissão encarregada de organizar o plano e orçamento para a construção de um hospital novo.

A propôs um hospital no alto de Santo Amaro porque aí a população não tinha hospital para o crescente número de fábricas e operários.

O hospital nunca se construiu.

Cabral, Curry (1915). *O Hospital de S. José e Annexos desde 7 de Janeiro de 1901 a 5 d'Outubro de 1910*, p: 13.

João Ferraz de Macedo

Instalou 2 enfermarias barracas, vindas do estrangeiro, no Hospital D. Estefânia para uma epidemia de febre typhoide.

Desiste da ideia dos hospitais-barracas e tenta melhorar os velhos edifícios.

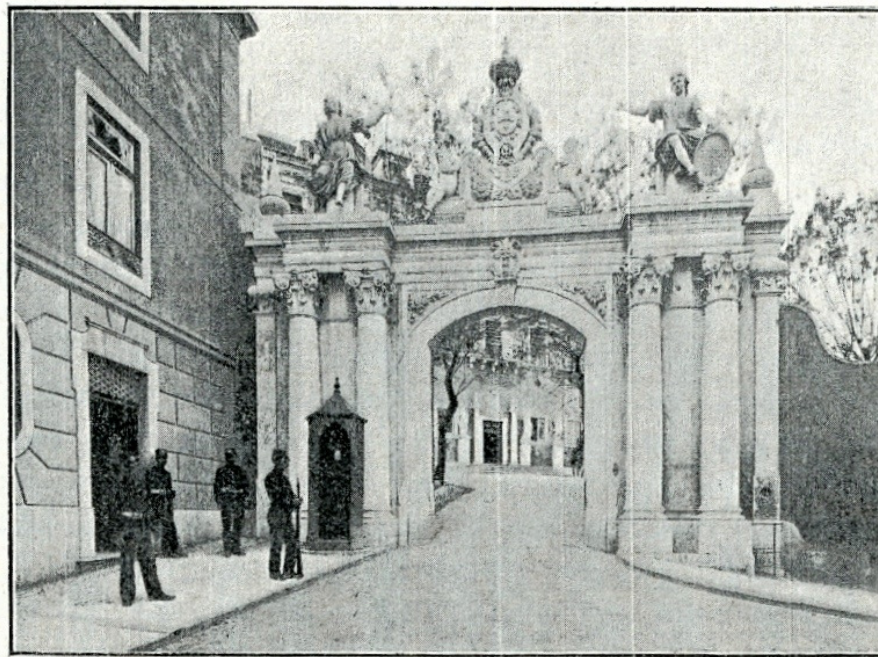
Revelou orientação verdadeiramente científica: 1ª iniciativa de tratamento higiénico e profilático dos doentes à entrada do Hospital. Instala no H. S. José 1 balneário para que doentes e roupas fossem limpos e desinfectados antes do internamento.

Fez um novo edifício para a instalação da farmácia. Junto à farmácia montou 1 bom laboratório químico.

Instituiu gabinetes de bacteriologia, de radiografia e de electricidade. Neste laboratório iniciou a sua carreira o Dr Câmara Pestana.

Em 1892, criou as consultas externas para evitar a acumulação crescente de doentes nas enfermarias.

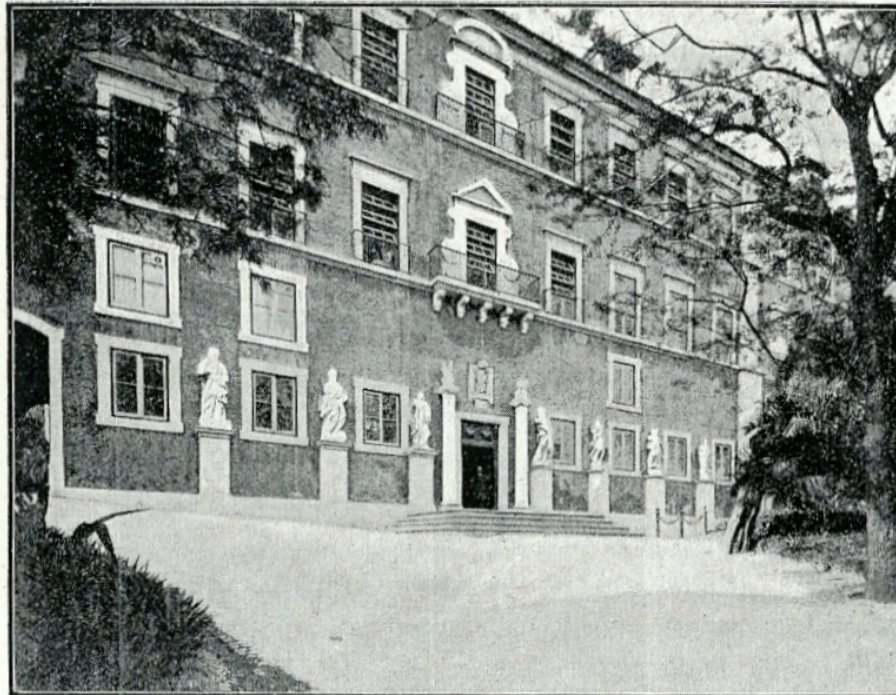
Mandou construir um elevador mecânico para transporte dos doentes (4 pisos).



Portico d'entrada do Hospital Real de S. José
Levantado em 1811, sendo enfermeiro-mór Monsenhor D. Antonio Armando Saldanha

“...em dilatados anos de vida hospitalar os meus olhos tinham cansado de ver essas casas velhas, acumuladas de doentes em completa promiscuidade, onde se via o contagioso ao lado do que sobre a sua doença corria o risco de ser contagiado; casas onde era impossível manter a noção higiénica na plenitude da sua acção benéfica e salvadora.

Tinha também experimentado torturas profissionais derivadas da falta quase total dos meios de análise clínica, com que se firma o diagnóstico e se fundamenta a terapêutica, falta agravada ainda pela carência de educação técnica em que se encontra o pessoal de enfermagem.”



Frontispício do Hospital Real de S. José

A reforma não tinha acanhado fim de deitar remendos nos hospitais, nem de os ampliar e conservar como casas para onde se fossem internando doentes a esmo, como até tempo ainda recente era rotina tradicional. O seu fim foi mais levantado: foi estabelecer um sistema de hospitalização que em todos os seus ramos ficasse obediente às noções, já hoje vulgares da ciência e da higiene pratica privativa dos hospitais prestantes á melhoria da higiene da cidade, sobretudo da higiene profilática; preparar os hospitais para poderem ser um órgão valioso nas funções de assistência pública quando um dia se cuidar a sério da organização desse serviços que o movimento da civilização manda ter no primeiro plano dos interesses sociais.



O que encontrei

Eram 7 os hospitais que constituíam o grupo:

**S. José
Desterro
S. Lázaro
D. Estefânia
Rainha D. Amélia
Rilhafóles
Odivelas**

Situação financeira catastrófica em 31 de Dez. de 1900

A administração era feita pelo Enf^o- Mór, um Adjunto e um Secretário.

Dependia a administração da Direcção Geral da Saúde e Assistência.

Morgue



Antigo edifício do Instituto de Medicina Legal (Morgue)(demolido)



Por arbítrio da administração anterior foi instalada a morgue, recentemente criada e que pertence ao Ministério da Justiça, num edifício do H. S. José e que fazia parte das suas instalações.

Esta espoliação feita ao Hospital, sem ao menos ter sido superiormente autorizada em qualquer diploma, foi seguida de outro arbítrio: às obras para a instalação da morgue, foi-se ocorrendo com dinheiro saído a descoberto do cofre do Hospital por ordem da administração.

A derrocada financeira correspondia ao desequilíbrio funcional

Sector médico e alunos da Escola Médica

Os directores não respeitavam horários nem tabelas bromatológicas, nem formulários e autorizavam a invasão de visitantes aos doentes sem restrição de horas. Os facultativos assistentes não subordinavam o trabalho ao dos directores, trabalhavam nas horas que mais lhes convinha e receitavam como e quando lhes aprazia, independentes do receituário dos directores.

A esta desordem dos serviços clínicos, acrescia que os alunos da Escola Médico-cirúrgica constituídos em corporação com os nomes de internos e de externos, capitaneados por um chefe, todos com a categoria de empregados superiores dos Hospitais e remunerados, e no gozo das regalias descritas num regulamento provisório e sem responsabilidades profissionais, avassalavam o serviço das enfermarias, dispendo e determinando.

Não havia inspecção dos serviços de higiene, numa época em que a infecção e o contágio dominam a patologia.

Cabral, Curry(1915) *Hospital de S. José e Anexos no período de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d Outubro de 1910*, p.31 e 32

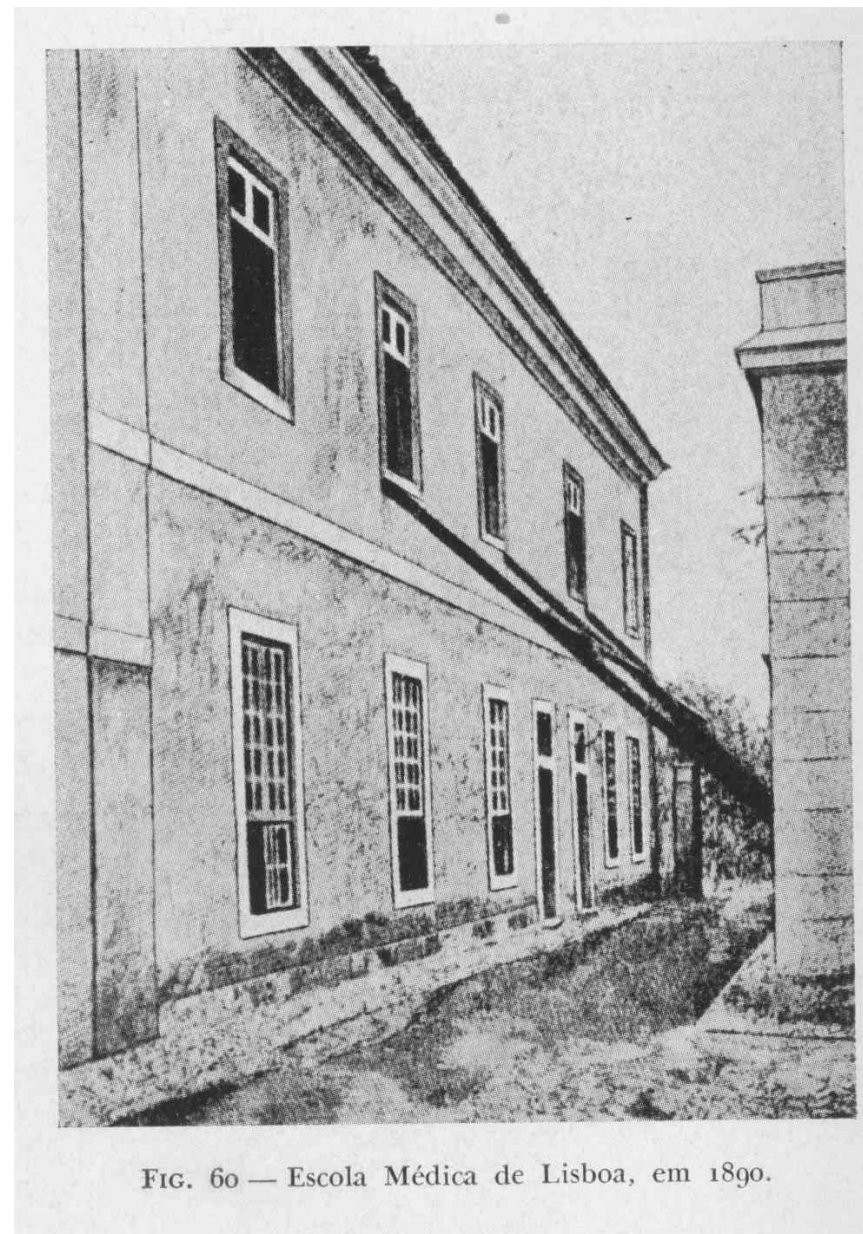


FIG. 60 — Escola Médica de Lisboa, em 1890.

Hospital de S. José

E' horroroso o que se está passando n'este estabelecimento com respeito á applicação dos medicamentos internos.

O regulamento d'aquella casa manda que a distribuição d'estes remédios se faça com a assistencia dos enfermeiros ou de quem os substitua. Pois nada d'isso se cumpre.

A maior parte das vezes esse serviço é feito por praticantes que poucos mezes teem de serviço hospitalar e a quem sem o menor escrupulo é confiada tão melindrosa missão.

Pede-se para se cumprir o artigo 28 do regulamento do hospital, evitando-se por esta fórma o termos de lamentar algum caso funesto.

A derrocada financeira correspondia ao desequilíbrio funcional

Falta de controlo nas admissões dos doentes

Um outro elemento poderoso contribuía para o desequilíbrio: era a nenhuma fiscalização das admissões dos que pediam a entrada para os hospitais a título de doença. A porta estava tão amplamente aberta que até pessoas sem doença alguma vinham ocupar camas dos hospitais.

Em 7 de Janeiro de 1901 o nº total de pessoas hospitalizadas era 3000: nas enfermarias estavam ocupadas todas as camas ordinárias (em volta das salas), todas as extraordinárias em filas no meio das enfermarias (cochias) e com frequência se estendiam colchões no chão entre as camas, para neles se deitarem os doentes excedentes.

Essa enorme população era constituída por;

Doentes de difteria – Pavilhão da cerca do H. S. José

Doentes de tuberculose e varíola - H. Rainha D. Amélia

Alienados - H. Rilhafoles

Leprosos - H.S.Lázaro

Acumulação de doentes

Em 6 de Janeiro de 1901, o nº de doentes que enchiam os hospitais era assim distribuído:

S. José	1 038
D. Estefânia	383
Desterro	360
Rilhafoles	738
S. Lázaro	40
R. D. Amélia	79
Odivelas	165
Total	2 803

A falta de higiene geral dos Hospitais e especialmente das enfermarias era medonha!

Os edifícios eram velhos, os sobrados deixavam passar as águas das lavagens, as retretes não tinham autoclismo. Cada doente tinha à cabeceira uma caixa-retrete. Não havia lavatórios. O lixo era acumulado e depois transportado para os vazadouros públicos pelas carroças de limpeza da cidade. O material de penso era queimado ao ar livre e com o vento disseminava-se.



Sobre este monte de ruínas tinha que operar a nova administração

A analyse minuciosa dos factos rapidamente mostrou que o desconjuntado organismo nosocomial não podia ser restaurado por um simples concerto das suas deterioradas engrenagens - precisava de remédio mais radical.

Se havia alguma coisa a demolir, muito havia sobretudo que recompor e muito de novo que fazer.

Só uma remodelação geral e completa o poderia conseguir e essa foi resolvido fazer-se imediatamente, com a concordância e auxilio do illustre e dedicado Ministro do Reino.

Questões prévias



1ª questão: Edifícios hospitalares: abandoná-los ou mantê-los?

Para uns, não se devia gastar dinheiro em edifícios com defeitos capitais na construção de origem.

Outros eram de parecer que se aproveitassem os hospitais susceptíveis de correcção. Não havia dinheiro para substituir os hospitais (mais de mil contos só para substituir S. José).



Não foi difícil achar o critério que deveria presidir na direcção dos trabalhos a efectuar:

Determinar os princípios de higiene que devem ser satisfeitos, proceder às obras quer de reparação, quer de adaptação ou de construção nova dos edifícios.

Se n'uma sala que tinha um nº de leitos, a cubagem d'ar se mostrar insuficiente por falta de altura das paredes, abrem-se mais entradas para arejamento e ventilação. A actual sciencia torna possível e fácil a execução dos processos de antisepsia nos edifícios. A supressão dos ângulos planos, a impremeabilidade dos pavimentos e das paredes tornaram-se elementos sanitários de tão decidida importância e demonstrada vantagem na hygiene nosocomial, que chegam a fazer esquecer muitas das condições architectónicas dos edifícios menos próprios ...

À luz destas noções era possível remodelar os hospitais.

Desterro e D. Amélia



Só dois: - o do Desterro e o da Rainha D. Amélia - foram julgados insusceptíveis de serem transformados higienicamente. A respeito destes foi resolvido não gastar dinheiro com eles, que seria dinheiro perdido e esperar oportunidade para os substituir por outros.

Questões prévias

2ª questão: uma administração única para todos os hospitais?

Sim.

Proposta de o Hospital de Rilhafoles ficar fora da administração de S. José - nunca aceite por Hintze Ribeiro

Questões prévias

3ª questão: qual a melhor organização a dar à administração?

Optou-se por uma administração técnica e autónoma quanto possível, **directamente subordinada ao Ministro do Reino.**

Esta decisão foi o resultado de um estudo sobre os modelos de organização e administração dos hospitais, desde o Regimento do Hospital Real de Todos-os-Santos (74 páginas do Relatório).

A reforma de 1901

Decreto de 24 de Dezembro de 1901

(Diário do Governo nº 293 de 27 de Dezembro de 1901)

Disposições fundamentais

Qualidade técnica do corpo administrativo:

Enfermeiro-mór, obrigatoriamente médico

1 adjunto, competente em assuntos de contabilidade

*1 secretário, sempre um bacharel formado em direito
(nomeação vitalícia)*

Grande autonomia do Conselho Administrativo

(só dependente do Ministro)



A obsessão pela higiene

Criação da Repartição de inspecção geral de higiene (a funcionar junto de cada administração)

Saneamento e prophylaxia interna, intra-muros

Fornos de incineração (lixos e despojos), aparelhos de desinfecção.

Fiscalização da qualidade dos géneros alimentares, com apoio do laboratório d'analyse clínica

Saneamento e prophylaxia externa



Unidade de pensamento e acção

Organizar a hospitalização systematisada, tanto na sua administração como no seu funcionamento:

Princípio que deve presidir à distribuição dos enfermos pelos diferentes hospitais: selecção ou agrupamento segundo a natureza das suas doenças

Dar existência legal, organização e regulamento às Consultas externas

Criação da Repartição de Estatística médica e Boletim do H. S. José e Anexos

Director: José António Serrano



“O hospital deixou de ser o simples albergue de doentes, para ser também a escola pratica onde aprendem os que lá exercem a medicina e d’onde sahem ensinamentos...”

Cabral, Curry (1915), O Hospital de S. José e Anexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d’Outubro de 1910, p. 207,208.

Novos formulários de medicamentos e bromatologia

Hospitalização

Acumulação e selecção de doentes

Principio da separação por espécies mórbidas, mormente as contagiosas e a separação dos serviços de obstetrícia.

Era urgente a construção de novos hospitais e de uma Maternidade.

Escola profissional d'enfermeiros

Decreto de 10 Setembro de 1901

Esse numeroso pessoal era e é defficientemente habilitado; era e é defficientemente remunerado.

A criação de uma Escola seria o único meio de o corpo d'enfermagem ser convenientemente educado e instruído.

Já no 1º Regulamento do HRTS, D. Manuel impõe ao cirurgião o encargo de dar algum d'esse ensinamento. “ Que o cirurgião leia cada um dia uma lição aos seus dois moços...para aprenderem a theoria e pratica...” (artº 165º).

Já Thomaz de Carvalho tinha promovido um curso no H. S. José

2º Período 1902-1910

31 de Dezembro de 1901, estava estudada a situação, assentes os princípios, feito o programa administrativo e organizados os elementos mais necessários para assegurar o êxito.

Servindo-me d'uma locução vulgar, direi:

Estava montada a machina, que em Janeiro de 1902 devia entrar em plena função.

Cabral, Curry (1915) , *O Hospital de S. José e Annexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d'Outubro de 1910*, p. 217.

***Havia a fazer reparações e melhoramentos
nos Hospitais existentes, havia a construir
dois Hospitais e a Maternidade***

Cabral, Curry (1915), O Hospital de S. José e Annexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d'Outubro de 1910, p.232

Comissão para a conservação, reparação e melhoramentos dos hospitais

Decreto de Junho de 1902
Diário do Governo nº 144 de 2 de Julho

- **C. Curry Cabral, Enfermeiro Mór – Presidente**
- D. Luiz de Mello Correia Pereira, Engenheiro civil
- Dr. José Teixeira Gomes, Secretário Administração dos hospitais

Plano para hospitalização dos doentes por patologias

- **Psiquiatria:** Rilhafoles (desanexado de S.José)
- **Pediatria:** D. Estefânia
- **Doenças crónicas (inválidos):** Rainha D. Amélia
- **Doenças gerais de medicina e cirurgia:** S. José
- **Obstetrícia – Maternidade:** Nova (a construir no terreno da velha escola médica (estudo do Prof. Alfredo Costa))
- **Doenças syphiliticas, venéreas e urinárias -** Hospital novo (eliminava-se o Desterro)
- **Doenças infecto contagiosas –** Hospital novo

“Tenho promptos os esboços do ante-projecto da *Maternidade...*”



“...pelo que imagino, salvo o lugar que não é bonito, deve ficar uma das melhores da Europa e se a base que tomei para calculo não falha (15\$000 réis por m2 de superfície coberta) cálculo que o custo deve andar por 190 contos de réis. Poderia custar metade se se dispusesse de terreno plano e vasto”

Cintra, Quinta dos Cedros
Alfredo da Costa

Hospital de S. José

Hospital de S. José

(em Janeiro de 1901)

Em volta do edifício das enfermarias, encontrava-se:

- **Barracão que era um estábulo de vacas, para as crianças nascidas na Enfermaria de S. Bárbara. (extremo sul).**
- **Casa de depósito de cadáveres, onde permaneciam 24h (mais adiante para N).**
- **Pavilhão onde os cadáveres eram amortalhados para seguirem para o cemitério.**
- **Barracão para depósito de medicamentos.**
- **Pavilhão barraca para os doentes com difteria.**
- **Edifício da farmácia, a que era contíguo, o estendal.**
- **Edifício da lavandaria, deteriorado e com máquinas velhas.**
- **Barraca com 1 oficina de serralharia, única oficina do Hospital.**
- **No extremo N, estava-se fazendo a Morgue.**

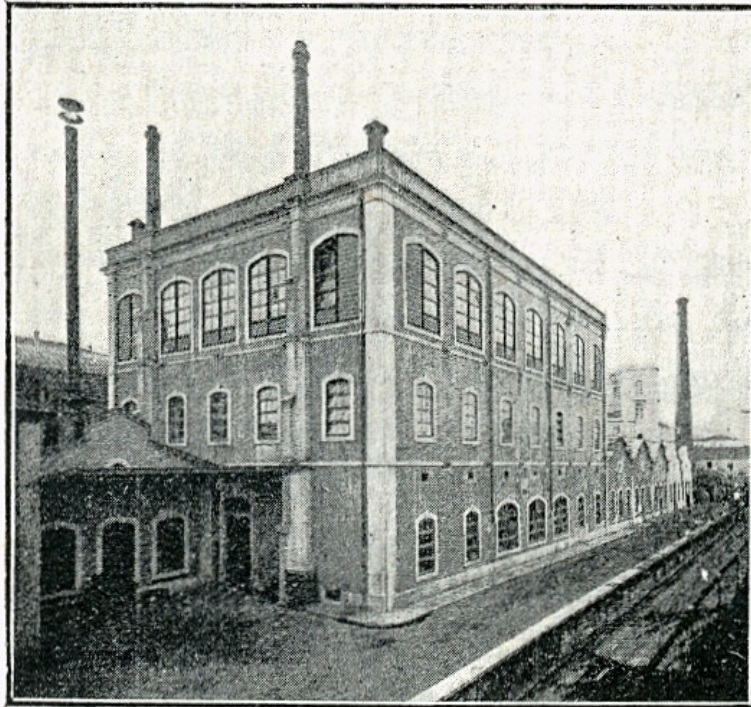
Hospital de S. José
(em 5 de Outubro de 1910)

Reconstrução de parte da cobertura

Na Farmácia:

- **Construiu-se um depósito geral de medicamentos.**
- **Montou-se um grande autoclave para esterilização de material de penso e de roupas de bloco e enfermarias**

Lavandaria e Central Eléctrica



Edifício da lavandaria do Hospital de S. José

Ampliou-se muito o edifício e comprou-se novo equipamento importado do estrangeiro. ***Ficou com capacidade para tratar 15 000 peças de roupa em 10h.***

Duas grandes caldeiras de vapor.

Montou-se uma grande bateria de estufas de desinfecção pelo vapor, “onde são saneadas as roupas sujas de todos os hospitais.

4 grandes estufas de secagem, para substituir o estendal a céu aberto.

Colchoaria .

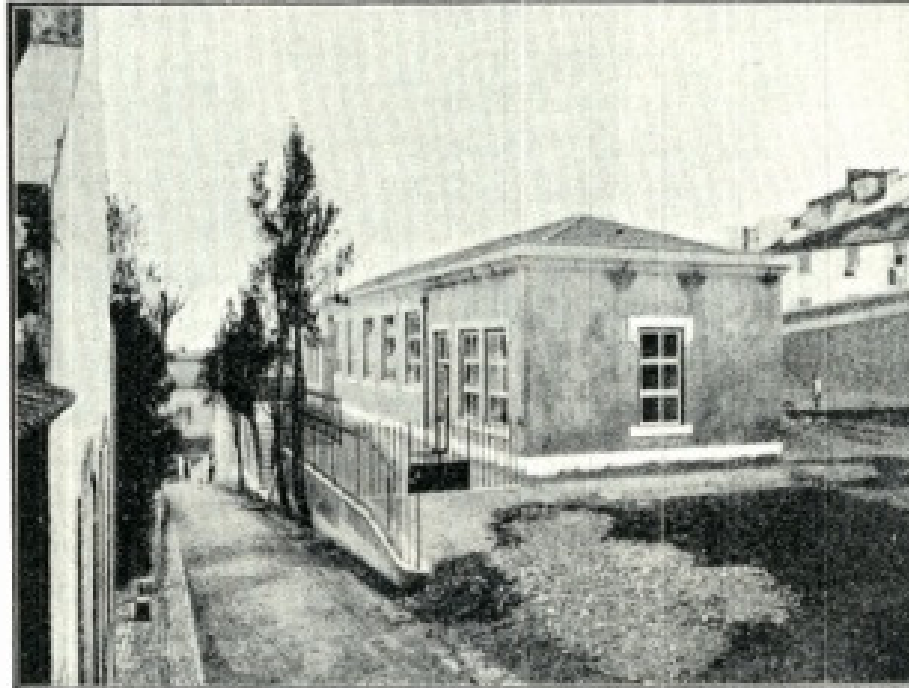
Instalou-se uma central eléctrica, cuja energia foi aproveitada para a lavandaria, ***fabricação de gelo e sabão, para a farmácia e para o laboratório d’análise clínica e radiografia, Finzen e serviços mortuários.***

Edificações novas

Oficinas



Laboratório de análise clínica



O laboratório d'analyse clinica

Oficinas de trabalho: *anatomia patológica, bacteriologia, chimica, radioscopia, radiografia e electricidade médica.*

Secções: *photographia, micro-photographia, projecções luminosas e análise química.*

Instalação *Finzen*

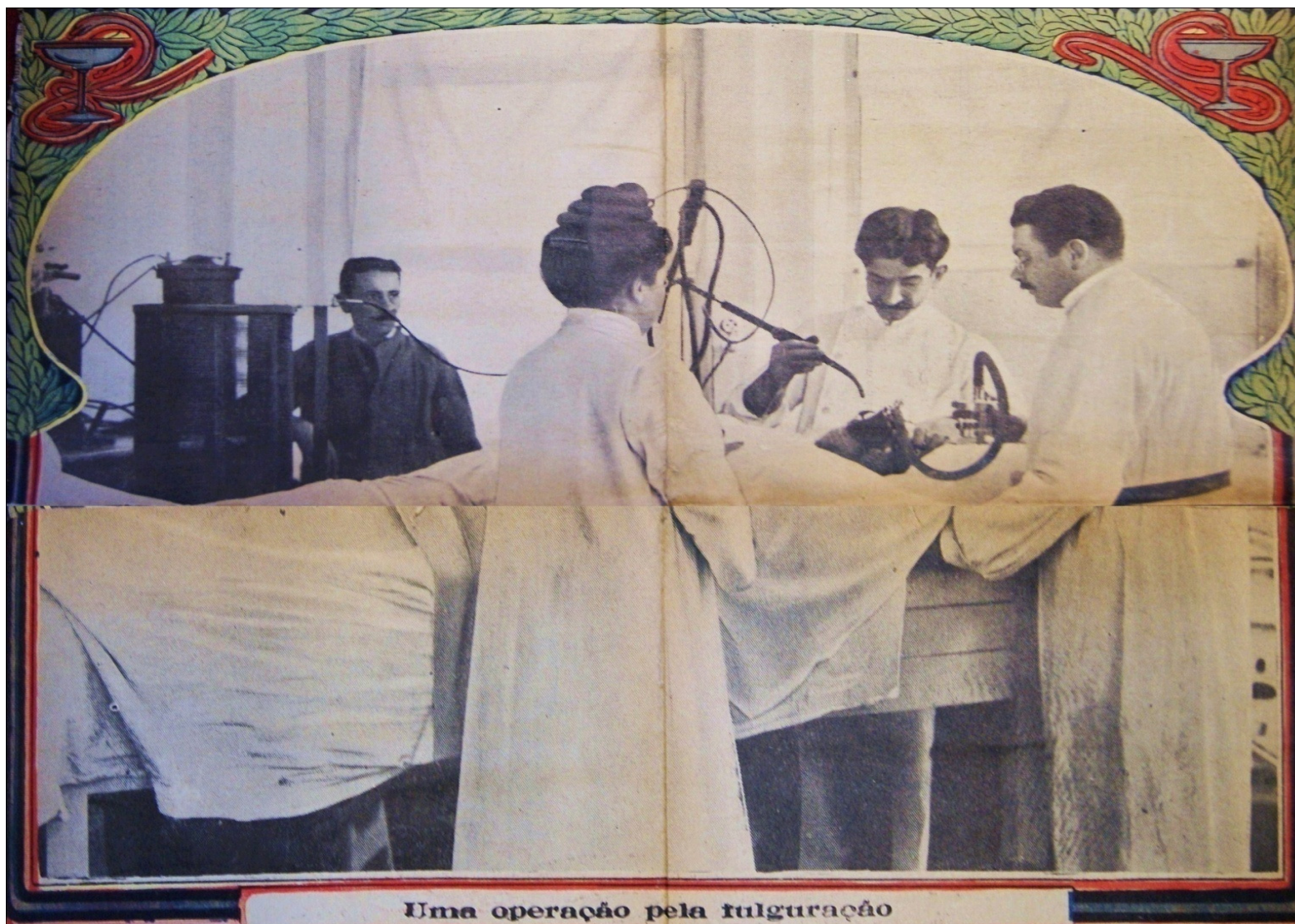


O dr Azevedo Neves por sugestão do Dr Finzen, foi estudar para Copenhaga e visitou as instalações foto-terapêuticas em Hamburgo e Berlim, levando autorização para comprar todo o equipamento que fosse necessário.

Em relatório dirigido ao Enf^o-Mór, Azevedo Neves, refere: **“esta instalação é não só a primeira de todo o nosso país, como também uma das melhores e mais bem organizadas e completas da Europa. É superior às instalações de Hamburgo, Berlim, Dresde e Paris”**



Visita de S. Majestade a Rainha ao laboratorio d'analyse clinica e á installação Finzen
em 20 de fevereiro de 1905



O cirurgião, dr Hermínio de Medeiros, achava-se no estrangeiro em viagem de instrução na altura em que a técnica da *fulguração* para tratamento do cancro ganhava fama. Foi autorizado a adquirir os aparelhos necessários e no seu regresso procedeu-se á sua instalação.



Visita de S. Magestade El-Rei D. Manuel II em 10 de junho de 1908

Concluíram-se as obras de restauração e equipou-se o ***grande amphitheatro de operações do hospital de S. José.***

Construi-se uma estufa para a cultura de plantas destinada à ornamentação das enfermarias

Edifício para os serviços centrais da administração



Edifício para a Administração Geral dos Hospitais

HOSPITAES DE LISBOA

NOVO EDIFICIO PARA OS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O local até agora occupado por estes serviços será destinado a
instalações do banco e consultas externas



O SECULO 10:345

30 de setembro de 1910

Hospital do Desterro (Em Janeiro de 1901)

Péssimo edifício para Hospital

5.900—Typ. da Lot.ª da Mir.ª de Lisboa—Dezembro 1901—2.000—x.—Modelo 284.

2800 n.º

Saiu do hospital do Desterro a meretriz n.º _____

residente na _____

Repartição da acceitação dos doentes do hospital Real de S. José

e annexos, em _____ de _____ de 190 _____

O Chefe,

- Enfermarias com pouca luz, má ventilação e cubagem insuficiente com pouca altura.
- Doentes de medicina e cirurgia dos 2 sexos. Havia 2 enfermarias destinadas a meretrizes que a polícia manda hospitalizar, onde se encontravam apenas as prostitutas de mais baixa condição.
- Nas outras enfermarias encontravam-se todas as espécies mórbidas em mistura, como em S. José, inclusivamente as doenças venéreas de mulheres não sujeitas a registo policial.
- O hospital não tinha cozinha nem farmácia.
- Não havia instalação balnear suficiente para a desinfecção dos doentes à entrada do H.
- Serviço religioso num quarto. Não havia capela.

Hospital do Desterro

(Em Janeiro de 1901)

No piso inferior térreo, acumulavam – se os veículos de serviço de todos os Hospitais: carros de transporte de géneros, de condução de doentes e de carros de enterros.

Na continuação encontrava-se a cavalaria com algumas parelhas de muares que se empregavam na tracção dos veículos.

Funcionava neste hospital uma consulta externa de doenças venéreas, numerosamente concorrida, que prestava excelente serviço. A grande dedicação com que o seu director, o Dr Mello Breyner, se entregava a esse trabalho, aliviava o hospital dum grande número de internamentos de enfermos.



Hospital do Desterro **(em 5 de Outubro de 1910)**

- **Melhorou-se a instalação balnear para desinfeção dos enfermos à entrada do Hospital, dando-lhe maior largueza e um número maior de tinas.**
- **Alargaram-se as consultas externas e dividiram-se por sexos, “atendendo a qualidade socialmente inferior dos consulentes, em particular dos portadores de doenças venéreas.**
- **Substituíram-se os veículos de tracção animal por automóveis.**
- **A capela foi aberta ao público em 20 de Abril de 1902, com a solenidade possível.**
- **A fim de beneficiar os empregados de todos os hospitais foi fundada uma **Cooperativa de Consumo no Desterro.****

Hospital de S. Lázaro



Antigo Hospital de S. Lázaro na Rua 20 de Abril (antiga Rua de S. Lázaro); depois Escola Profissional de Enfermagem, e desde 5-2-1931, Maternidade Magalhães Coutinho

Pequeno Hospital destinado aos doentes de lepra, com 2 enfermarias: uma para homens e outra para mulheres.

Fora renovado há poucos anos e tinha boas condições.

É ilusório o aspecto de isolamento em que vivem os doentes alli internados. É-lhes facilmente concedida licença para saírem e até para pernoitarem fora do Hospital.

Apenas se tornou necessário que nele se armasse uma pequena capela que os doentes internados reclamavam com frequência e instancia.

Hospital de Rilhafoles

(Em Janeiro de 1901)



- Por causa das doenças que nele são tratadas tem um director técnico privativo o que lhe dá condições verdadeiramente anómalas enquanto à sua subordinação administrativa.
- O Director tem poderes d'administração interna que impedem a acção directa da adm. geral dos Hospitais.
- Conflito permanente entre as duas autoridades- Administração e director.
- A administração tem de simular oficialmente que administra o Hospital de Rilhafoles, incorporando as suas contas nas da adm. geral, tomando responsabilidades de tudo sobre que de facto não tem ingerência
- Edifício em algumas partes muito deteriorado: cozinha; pavilhão de autópsias
- Não havia farmácia. O receituário era aviado no H. D. Estefânia.

Hospital de Rilhafoles

(Em 5 Outubro de 1910)

II SEMINÁRIO PATRIMÓNIO HOSPITALAR DE LISBOA – PROPOSTAS DE SALVAGUARDA PARA A COLINA DE SANT'ANA

Demolição ou Reabilitação?



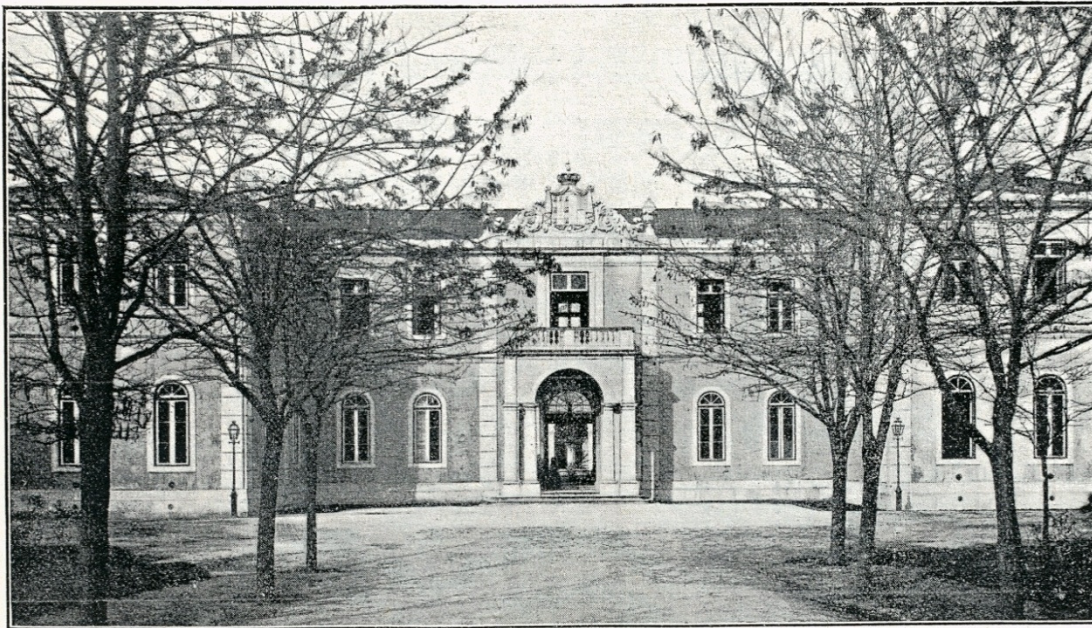
- Fez-se um novo edifício para substituir a cozinha antiga
- Construiu-se 1 edifício para o forno de incineração.
- Instalaram-se 2 caldeiras a vapor para alimentar a cozinha, serviço de banhos e aquecimento de águas.
- Renovou-se o estabelecimento de banhos.
- Construiu-se um novo edifício para as autopsias.

Hospital Estephania (Janeiro de 1901)

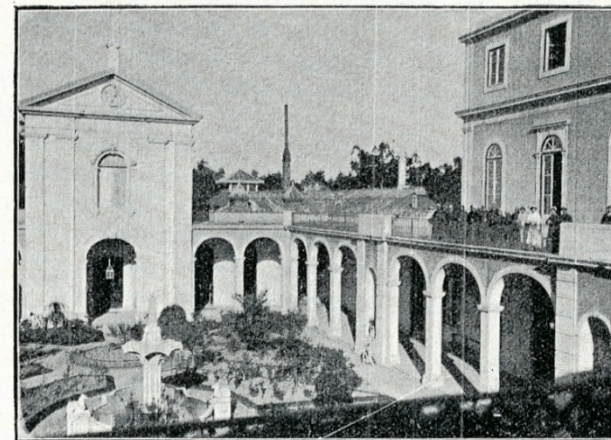
Era o melhor dos 7 hospitais

Mandado construir por El-ri D. Pedro V, à sua custa, conforme à planta que da Alemanha mandou vir, representa, o que de mais perfeito a sciencia da época aconselhava. Foi aberto para funcionar em 17 de Julho de 1877, com a assistência de El-Rei D. Luiz I.

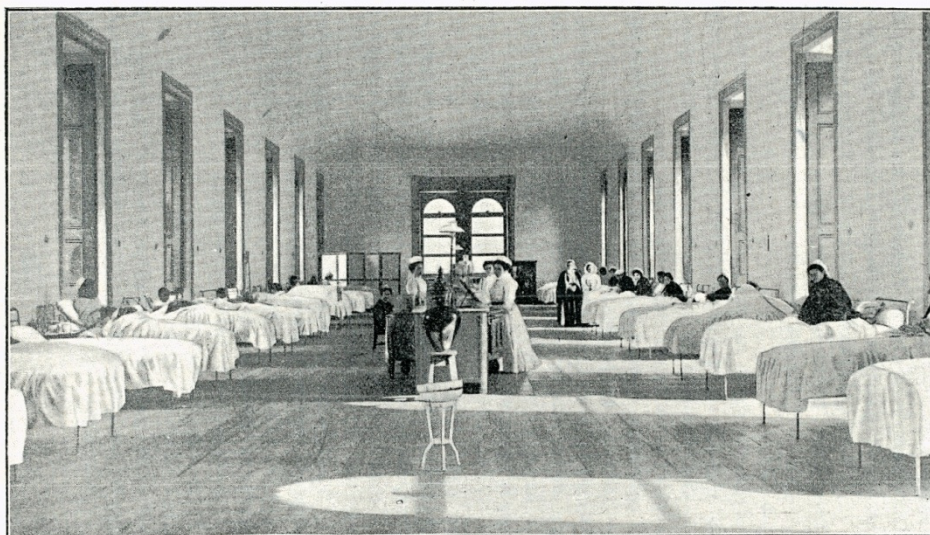
Situado no meio d'um extenso parque bem arborizado e com jardins é ainda na actualidade um hospital muito bom, que os estrangeiros nas suas visitas apreciavam.



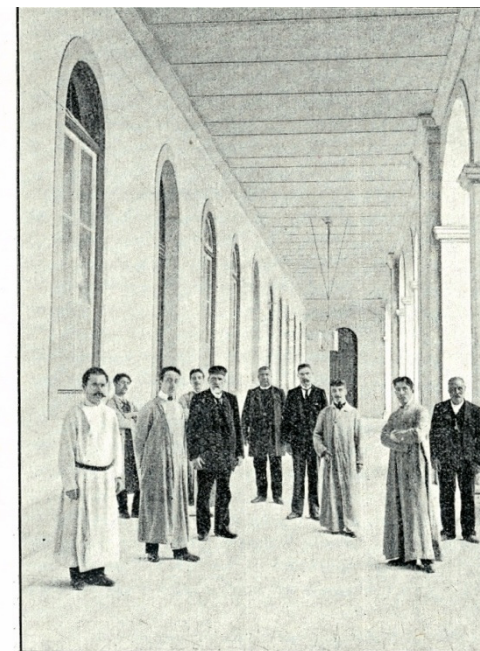
Frontispício do Hospital Estephania



Jardim no centro do edificio, cercado por um claustro coberto por largos terraços, para onde abrem as enfermarias, tendo ao fundo a capella



Uma enfermaria do Hospital Estephania



Uma das alas do claustro — Parte do pessoal de serviço



Empregadas do Hospital Estephania com os seus uniformes (eguaes nos outros hospitaes)

Hospital Rainha D. Amélia

Hospital das epidemias

Instalado no velho Convento de Arroios, grandes obras conseguiram torná-lo limpo mas nunca foi um verdadeiro hospital.

É muito interessante a história deste hospital para conhecer o modo como se procedia para acudir ao desenvolvimento d' epidemias manifestadas na cidade. À parte o pseudo-isolamento de leprosos no H.S.Lazáro, foi a instalação do H.d'Arroyos o primeiro passo para o isolamento definitivo das doenças infecto-contagiosas.

Hospital Rainha D. Amélia

O Governo manda entregar à administração dos Hospitais o edifício do antigo convento d'Arroyos e a sua cerca.

Em 1892 - julgou-se a cidade ameaçada de outra epidemia- a peste bubónica.

À pressa se fizeram obras para se armar o edifício em Hospital d'isolamento. O único doente que ali foi recebido e ali faleceu victimado pela doença foi Câmara Pestana.

Dissipados os receios das epidemias o pavilhão recebe os doentes de varíola, que até aí eram tratados no Desterro em alojamentos tão máos que a penna se não presta a descrevel-os.

Hospital Rainha D. Amélia

Em 1889 a Rainha D. Amélia toma a decisão de isolar num único centro os doentes tuberculosos dispersos pelos outros hospitais. O Hospital d'Arroyos era o único que serviria para esse fim. Mas os inválidos tinham de sair d'alli.

Foram para o Hospital de Odivelas

Hospital Rainha D. Amélia

O Hospital ficou com duas especialidades:

- **No edifício – a tuberculose**
- **No pavilhão –barraca – a varíola (1902-1903)**

Mas a administração dos Hospitais ficou com o encargo de sustentar o Hospital de Odivelas

Hospital d'Odivellas

Foi instalado numa parte do antigo convento, provisoriamente cedida à administração do Hospital de S. José em 16 de Agosto de 1899 para receber doentes incuráveis. Era muito caro, pela distancia relativamente a S. José donde recebia os fornecimentos.

Visitando observei que grande parte dos internados estavam ali abusivamente.

Não me demoro com pormenores porque desde logo decidi illiminar esse Hospital do número dos que ia dirigir e administrar

Hospital do Rego (1906)

Novo Hospital de doenças infecto-contagiosas

O primeiro que no género foi construído para a Hospitalização nacional

Área total do terreno: 65:280 m²

Área coberta: 10:633 m²



Edifício principal do Hospital, secção de tuberculosos — A' esquerda pavilhão de consultas externas, e sala d'operações e suas dependencias

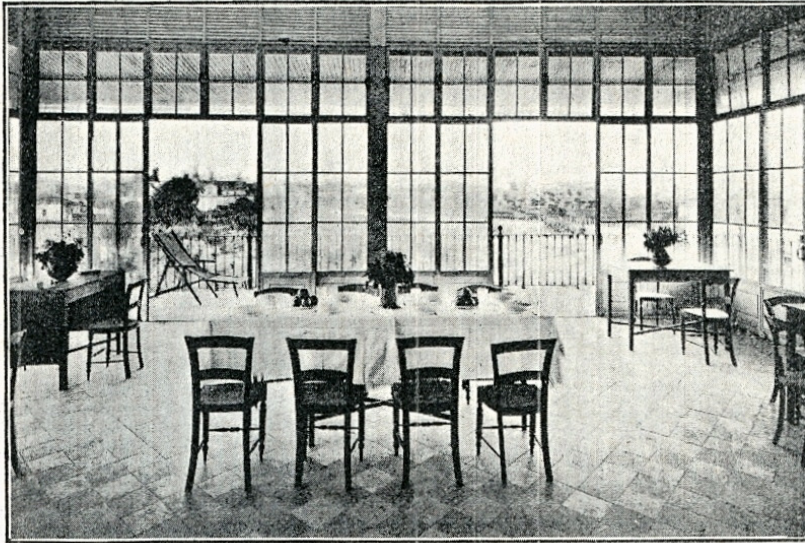
Edifício para isolamento de tuberculosos (212 camas)



Uma enfermaria de tuberculosos

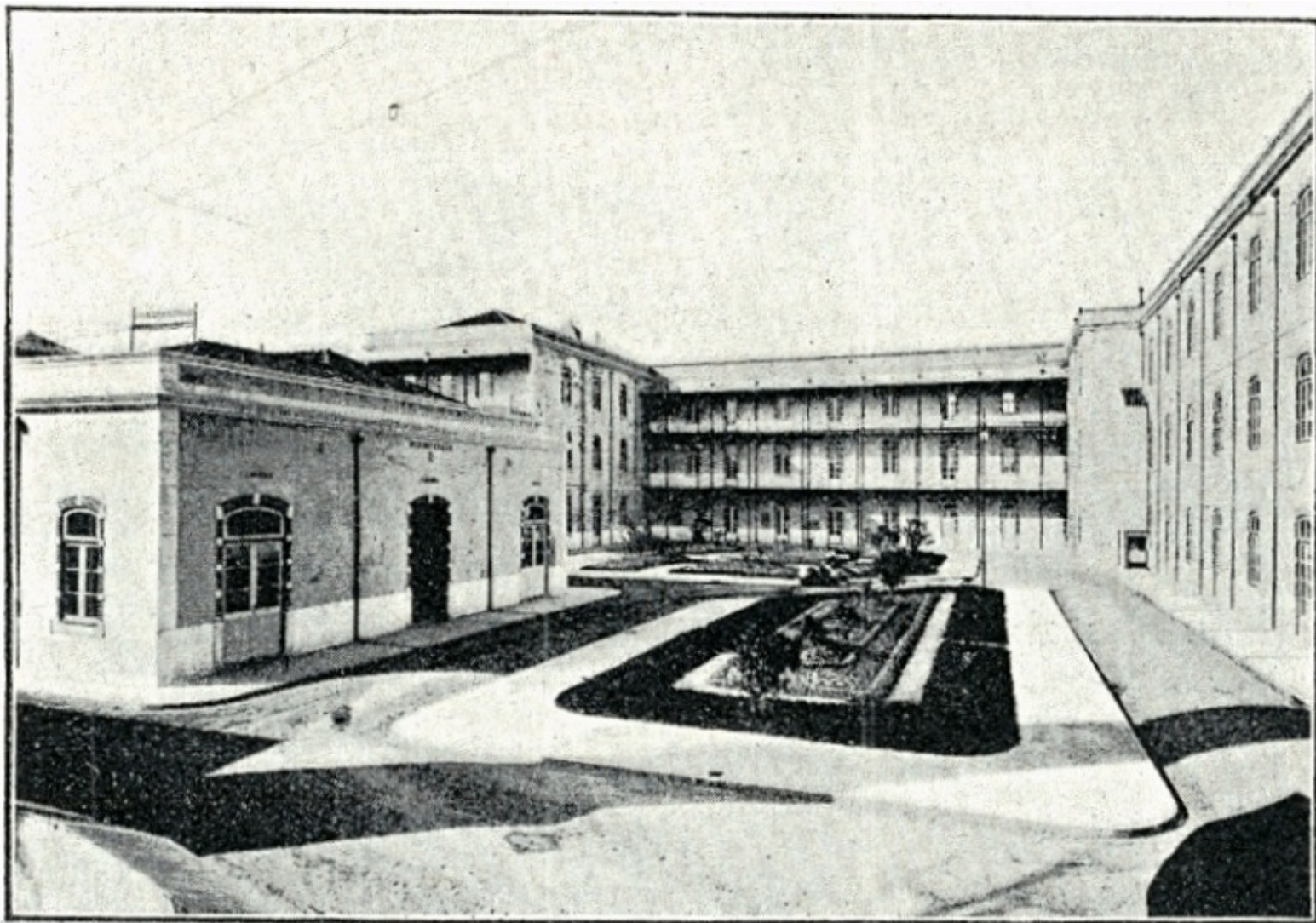
Hospital do Rego

Secção de doentes com tuberculose



Sala envidraçada para permanencia e refeições dos doentes

As enfermarias abrem para salas envidraçadas, cercadas de espaçosas varandas para as curas de ar livre. Estas salas donde se disfructa um magnífico panorama, são destinadas à permanência dos doentes durante o dia, fazendo ali as suas refeições.

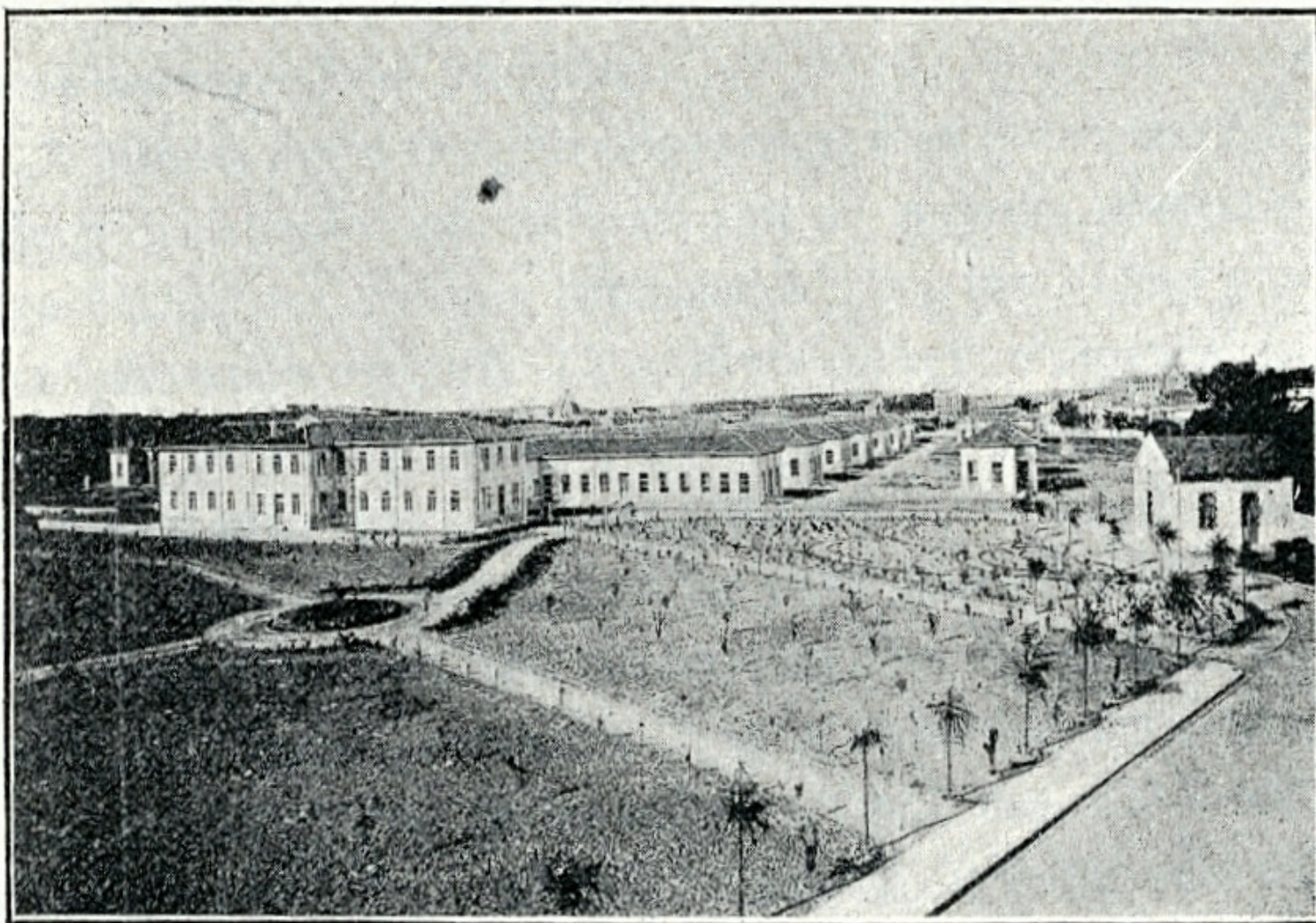


Galerias para onde abrem as enfermarias sobre o jardim — A' esquerda annexo onde estão installados todos os serviços que utilizam vapor

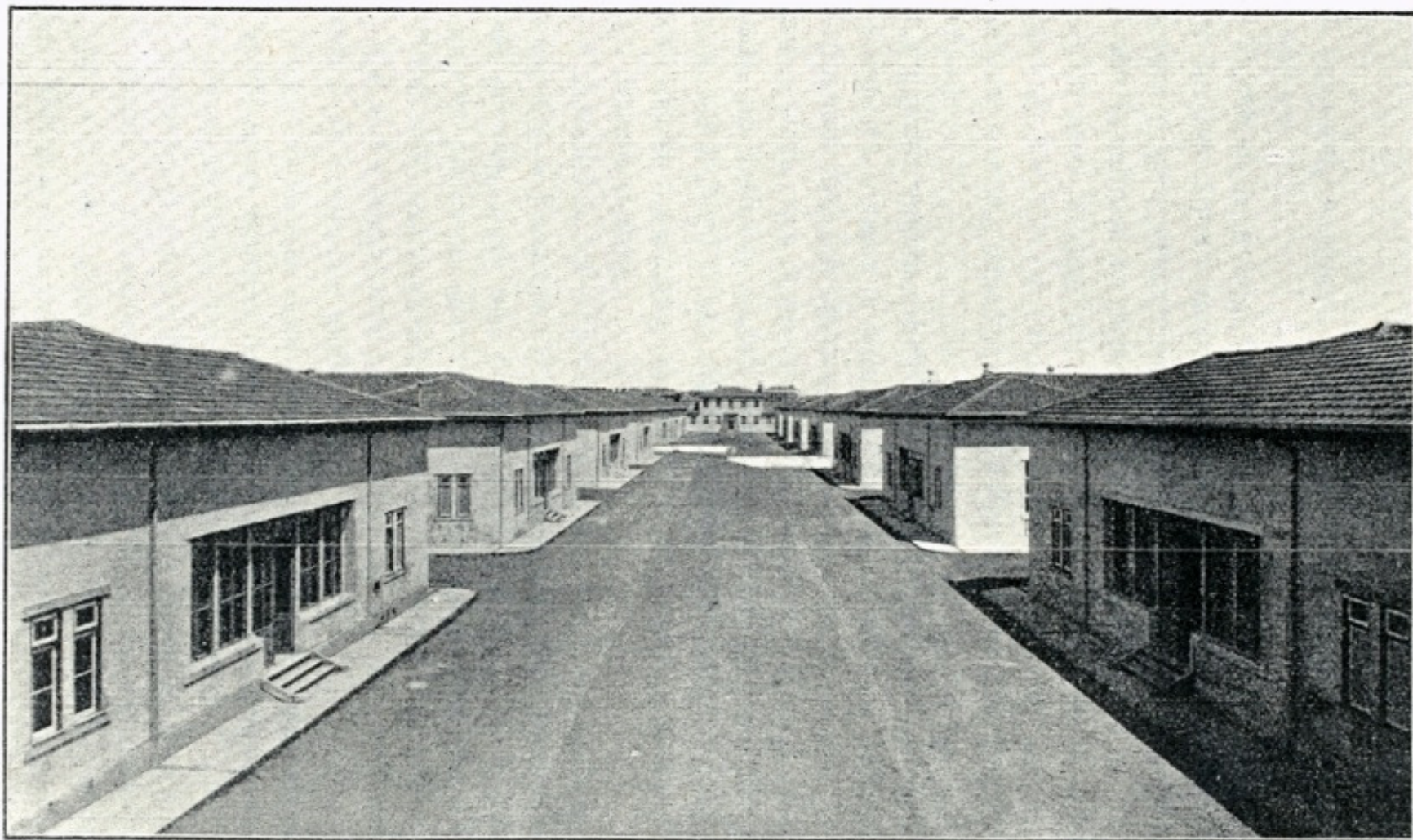
**Isolamento de outras doenças infecto-contagiosas:
variola, sarampo, erysipellas, febres typhoides, etc.**

**Ocupa uma área de 46: 232 m2 com 24 edificações
independentes:**

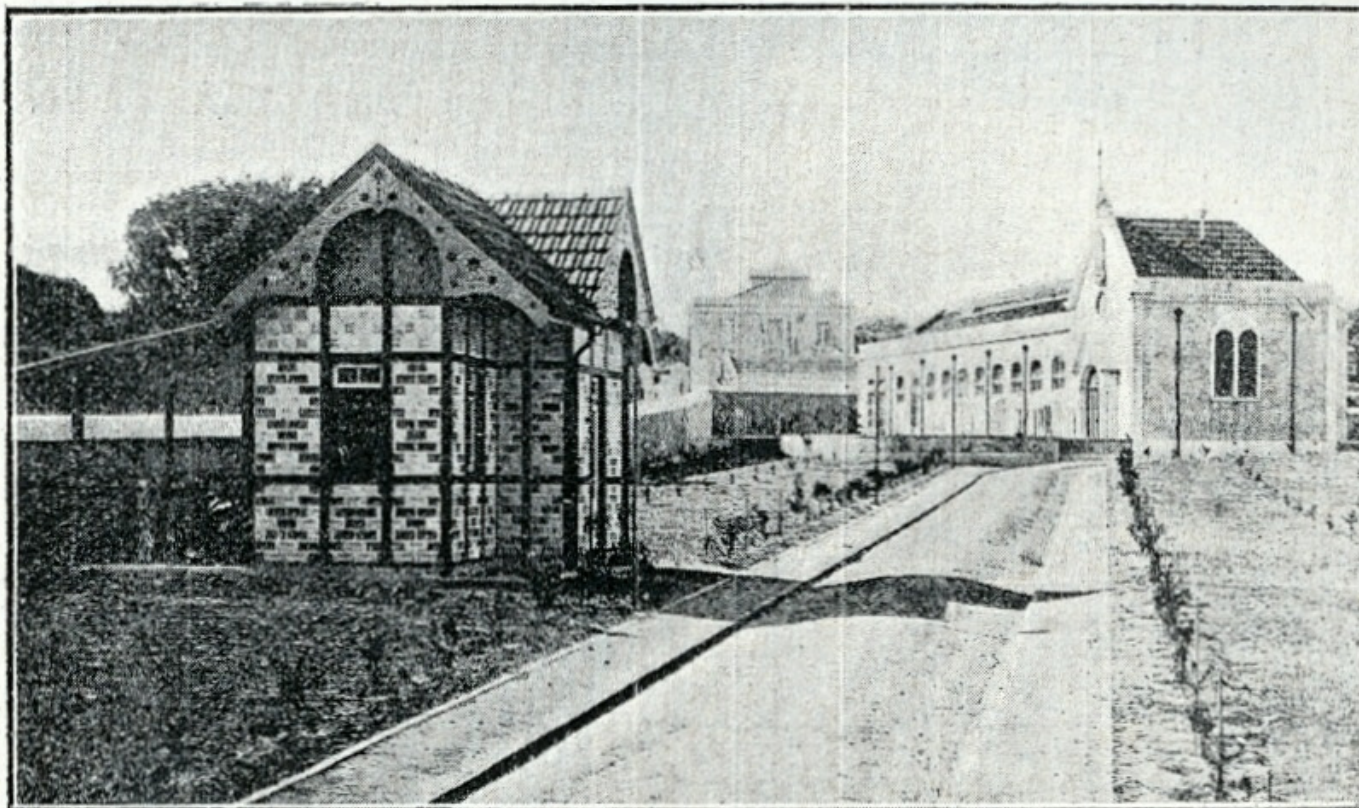
- 20 enfermarias**
- 1 alojamento do pessoal**
- 1 rouparia, banhos e aceitação de doentes**
- 1 com estufa de desinfecção para carruagens e macas**
- 1 para o porteiro**



Vista geral da 2.^a secção do Hospital, em pavilhões separados



Uma rua da secção dos pavilhões — Ao fundo residência do fiscal



Ao fundo edificio para o serviço mortuario — A' esquerda annexo
para os serviços dos parques e jardins

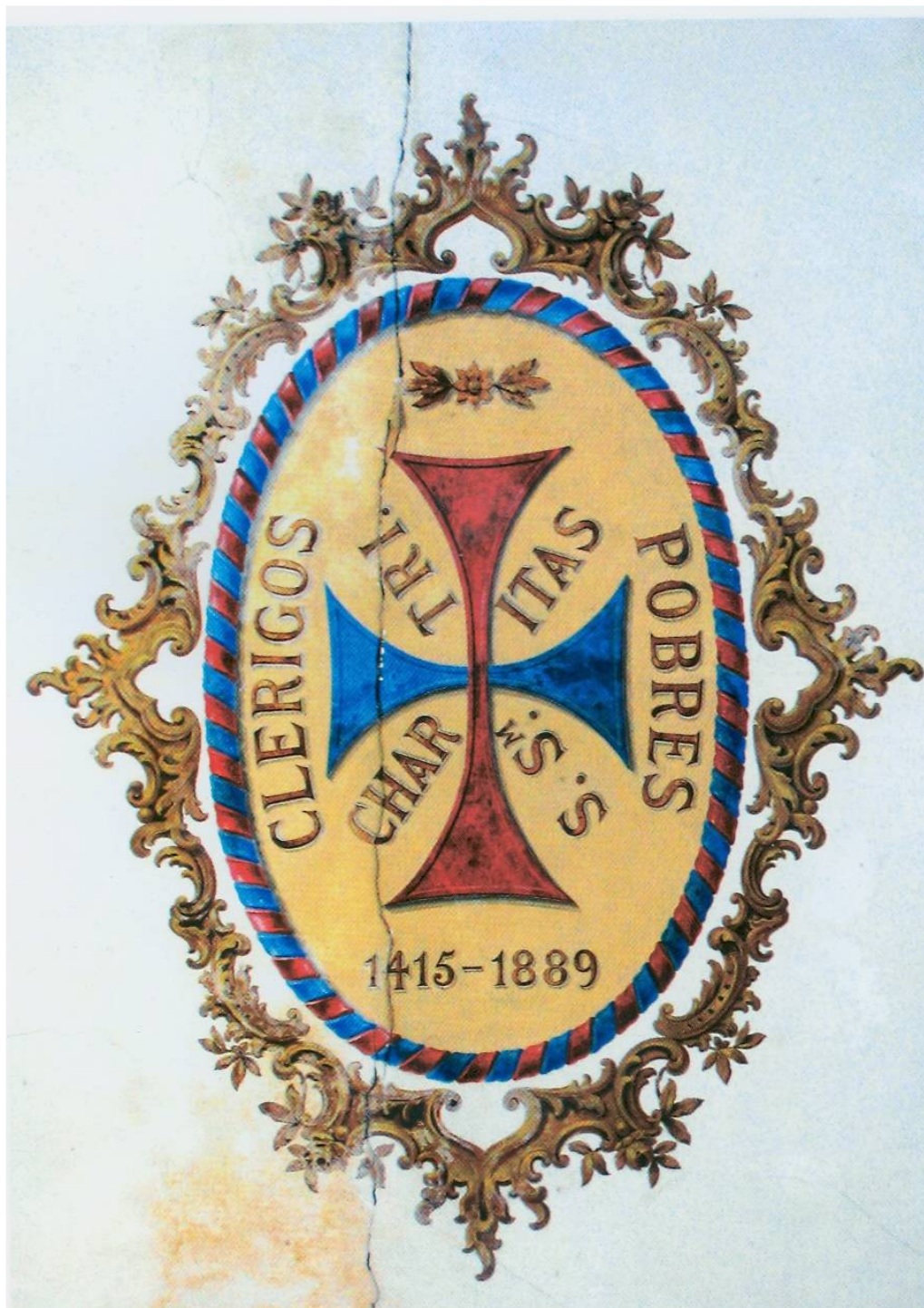
Posto de observação meteorológica

- *Considerando a natureza das doenças tratadas n'este Hospital, para auxiliar o seu estudo, resolveu a administração montar por primeira vez nos hospitais um posto de observação meteorológica.*
- *No alto da torre da igreja foi colocado um catavento;*
- *No gabinete do Fiscal: um barómetro, um thermometro e um hygrometro.*

Hospital de doenças infecto contagiosas não febris: Doenças syphyliticas e venéreas (Para substituir o Desterro)

“Impressionava fortemente o Ministro Hintze Ribeiro o abandono e sobretudo a prohylaxia contra a propagação das doenças syphyliticas e venéreas. É preciso preencher quanto antes, disse e repetiu o Ministro, esta enorme lacuna que há na hospitalização da Capital....”

Cabral, Curry(1915) , *O Hospital de S. José e Annexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d’Outubro de 1910*, p. 245.



Hospital de S. Martha

Doenças syphyliticas e venéreas

Hintze Ribeiro entrega o edifício do Convento de S. Marta a Curry Cabral para a instalação do Hospital de doenças syphyliticas e venéreas.

O fim especial da obra era o tratamento isolado das doenças contagiosas não febris, em 1º lugar as doenças venéreas e a syphilis, as doenças da pelle e outras mais ou menos relacionadas com estas, como as doenças das vias urinárias.

O engenheiro, D. Luiz de Mello Correia Pereira, projectou e acompanhou a obra, tendo “levado a cabo a primorosa edificação que ficou sendo o Hospital de S. Martha.”



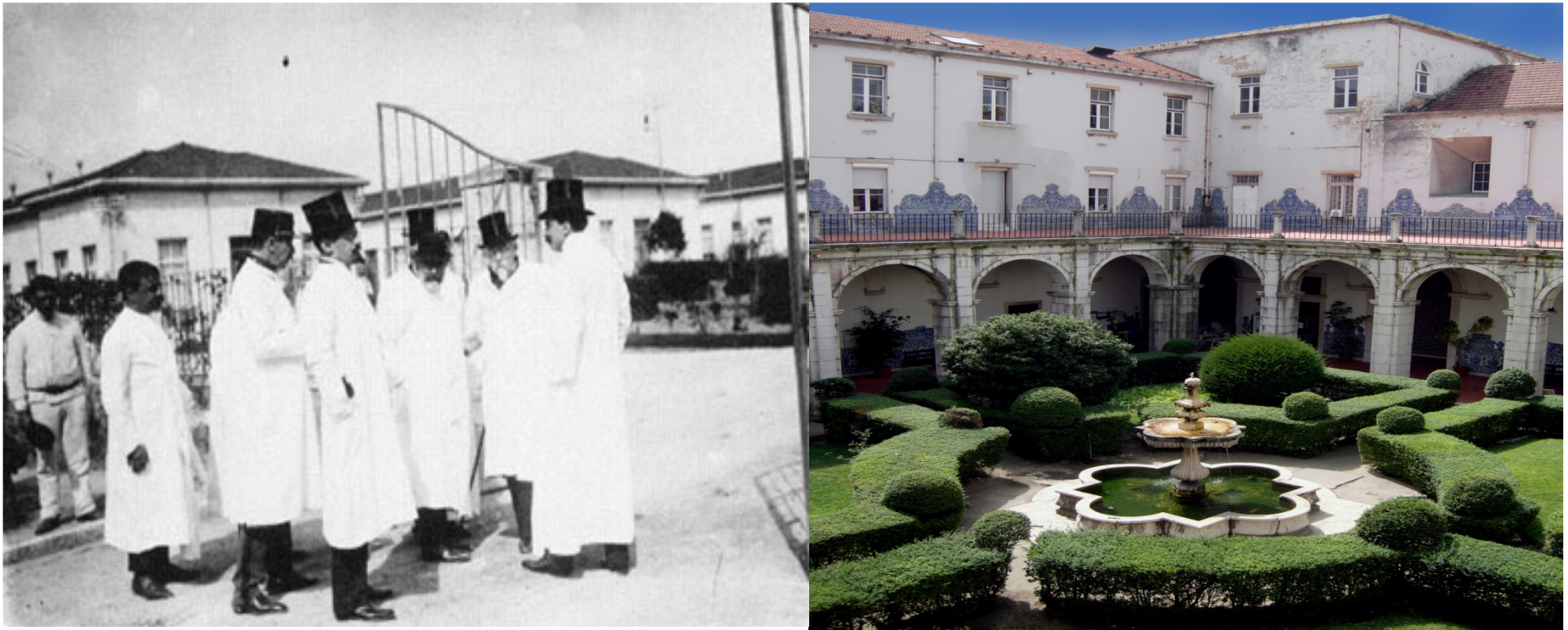
Com capacidade para 700 doentes, com secções para os 2 sexos, para o internamento das prostitutas de diferentes categorias uma vasta instalação para consultas externas e um grande dispensário para a polícia sanitária da cidade.

*A cubagem por cama é de 46 m³.
A secção de ventilação é de 1,10 m² em média.*

“... o novo hospital, que é vastíssimo, tem instalações para comportar à vontade 500 doentes, com 15 enfermarias e 34 quartos particulares. Será servido por elevadores e iluminado a luz eléctrica... No pátio de entrada e como anexo do hospital foi construído um magnífico dispensário, com entrada privativa pela travessa de Santa Martha...”

Jornal o Século de 19 de Abril de 1908





Visita do Presidente da República, Manuel de Arriaga, aos hospitais de Lisboa - Hospital do Rego. 1912

A construção destes 2 hospitais abriu a capacidade para mais 1 200 doentes sobre a já existente



Hospital Escolar de Santa Marta.1912

“Tendo a Escola Médica Medico-cirurgica de Lisboa, solicitado que o Hospital de S.Martha, recém – construido, se destine a Hospital privativo das clinicas escolares, para proveito e desenvolvimento do seu ensino prático:

Artº 1- È applicado ao Hospital de S. Martha, que passará a denominar-se Hospital Hintze Ribeiro, ao estabelecimento das clínicas da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa.”

Decreto de 13 de Setembro de 1910

Cabral, Curry (1915), O Hospital de S. José e Annexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d’Outubro de 1910, p. 329

Hospital de Santa Martha

A idéa inicial da sua fundação posta de parte, com desprezo dos interesses da saúde publica

Deu já o *Seculo* a noticia de que o ministerio do reino deliberou que o novo hospital de Santa Martha deixasse de ser exclusivo das doenças especiaes a que primitivamente se destinára. Taes doenças eram as que actualmente se tratam em parte no hospital do Desterro, um velho edificio de ha muito condemnado, por absolutamente improprio para o fim a que é applicado.

Para dar satisfação a antigas reclamações, feitas em nome dos interesses da saúde publica, resolveu-se, ha annos, a criação do hospital de Santa Martha. Foi isso em resultado, se bem nos recordamos, de uma visita feita ao hospital do Desterro pelo fallecido Hintze Ribeiro, então ministro do reino, e pelo governador civil de Lisboa, que era a esse tempo o sr. Pereira e Cunha.

Foi paralyzado todo o movimento progressivo de reforma

Tornou-se impossivel a sequestração dos syphiliticos que tanto deve importar aos interesses da sanidade pública.

Tornou-se impossivel extinguir completamente aquella vergonha do Hospital do Desterro.

Cabral, Curry (1915), *d Hospital de S. José e Annexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d Outubro de 1910*, p. 329

O CASO DA ESCOLA MEDICA

Como se prejudica o ensino

Uma carta em que se defende o sr. enfermeiro-mór — Como lhe respondem, em resumo, outras que o condemnam

Intermináveis beliscaduras dadas pela imprensa, por várias formas, artiguinhos, entrevistas, tudo isto representa apenas o jogo de míseros interesses

Cabral, Curry (1915), *O Hospital de S. José e Annexos de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d'Outubro de 1910*, p. 325

Estabelecimentos hospitalares e escolares

Um capítulo bem triste da história dos Hospitais...

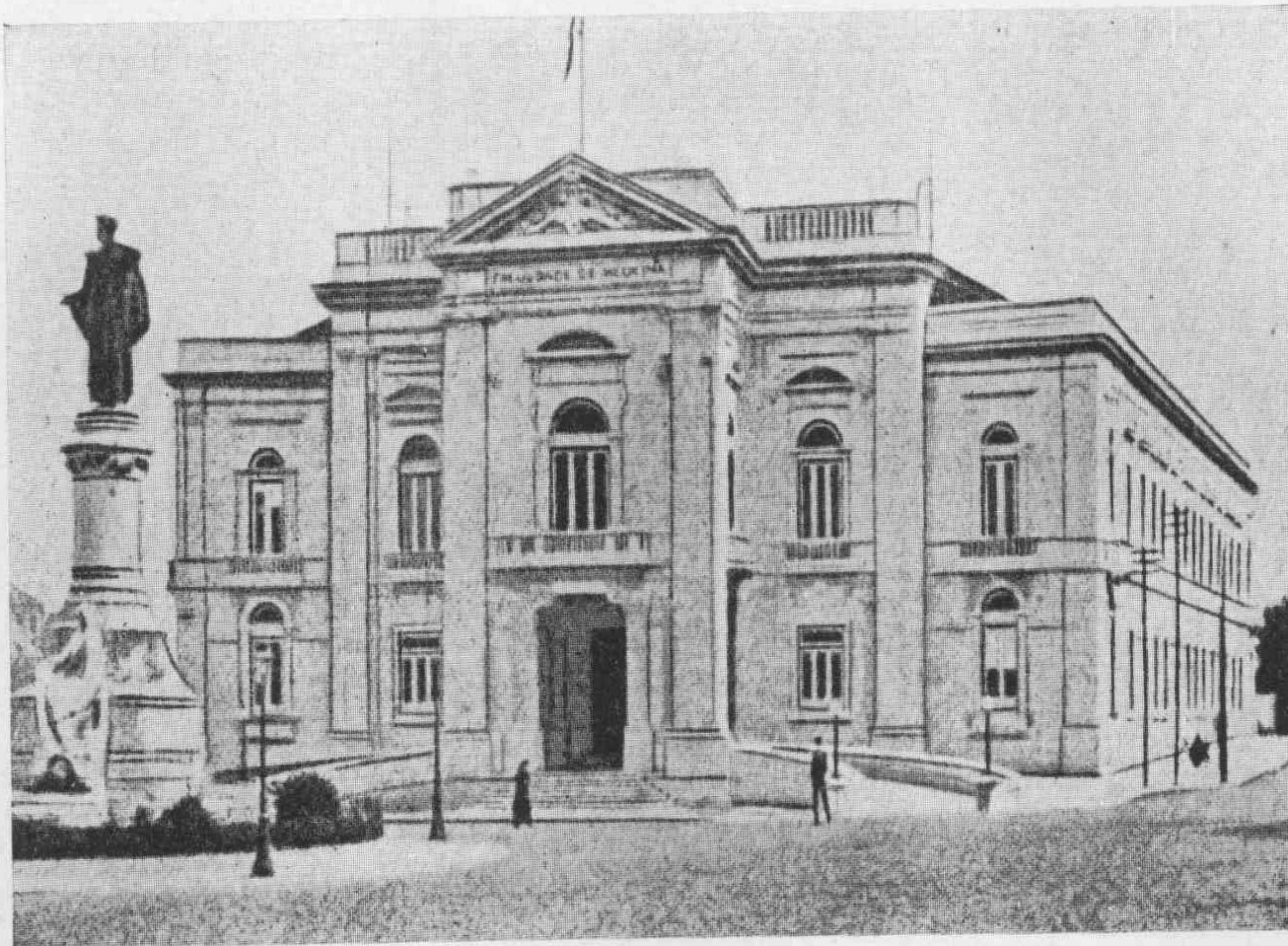


FIG. 61 — Faculdade de Medicina de Lisboa.

**Não esqueçamos que
Curry Cabral**

**Dissolveu a “corporação”
dos internos e externos.**

**Suprimiu-lhes a categoria
de empregados
superiores do Hospital.**

**Subordinou-os aos
directores de enfermaria
e aos regulamentos
gerais do Hospital.**

**Tomou a faculdade de
receber ou não os alunos
e definiu-lhe os direitos e
os deveres.**

**A admissão passou a
fazer-se por concurso de
provas práticas.**



Direcção geral de saúde e benficiência pública

2ª Repartição

Despacho effectuado na seguinte data

Outubro 6

Decreto exonerando José Curry da Camara Cabral do logar de enfermeiro-mór do Hospital de S. José e Annexos e provendo no mesmo logar o professor da Escola Médico-cirurgica de Lisboa, Augusto César d'Almeida Vasconcelos Correia.

Pelo Inspector Geral, o Adjunto

Henrique Schindler

13 de Outubro de 1910

Diário do Governo nº 8 de 14 de Outubro de 1910



OUTROS TEMPOS ...

A administração dos hospitais

Entrevista com o sr. conselheiro Curry Cabral

RESPOSTA AO "DIA,"

Uma carta do sr. dr. Augusto de Vasconcelos

Conforto do doente

Condições de higiene, alimentação farta e bem preparada.

Conforto da cama de rede de arame e a abolição da vida monótona nas enfermarias, quando a doença já permitia que se levantassem.

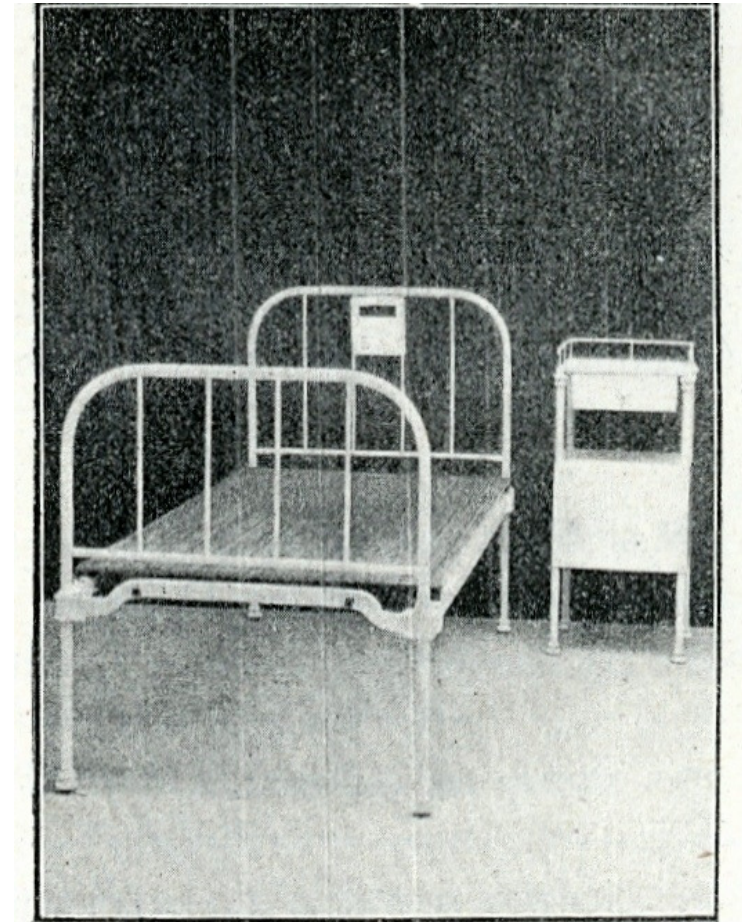
Passavam o dia numa sala anexa (refeitório) onde á vontade conversam, lêem, fumam, jogam.

Das janelas gosam a vista dos jardins e dos parques, onde vão passear.

Vasos com flores e plantas ornamentam as enfermarias alegrando a vista dos que n'ellas permanecem.

Assim é cuidada a hygiene do espírito a par da hygiene geral

Cabral, Curry (1915), O Hospital de S. José de 7 de Janeiro de 1901 a 5 d'Outubro de 1910, p. 315.



Leitos de ferro e bancas de cabeceira, também de ferro, porque foi substituída esta parte da mobília antiga

Ao meu amigo dr. Curry Cabral

No dia dos seus annos

Chegou maio gentil; com elle as flores,
Madre silvas campestres, rosmaninhos
Perfumam pelo campo os brandos ninhos
Onde o rouxinol vê os seus amores!

Estadeiam jardins, flóreos primores.
No pomar alvejantes quaes arminhos,
Corollas de fructiferos raminhos
São regalo e promessa a lavradores!

E' vinja a primavera: o vosso dia
Forçosamente havia de chegar,
Na festa dos rosaes e da alegria!

Só Deus é justo e bom: não pôde errar!
Entre as brumas mandar-nos não podia
Alma tão luminosa e tão sem par!

FORTE GATTO.

4:616 TARDE

20

20 maio de 1908